

Mobilizações estudantis na Venezuela

*Do carisma de
Chávez ao conflito
em redes*

A onda de protestos estudantis iniciada na Venezuela em fevereiro de 2014 oferece continuidades e rupturas em relação à tradição movimentista do país. A principal novidade foi a emergência de um conflito altamente descentralizado e em rede, como consequência da ausência da liderança carismática de Hugo Chávez, a crise de representação no setor opositor e o uso intensivo de redes sociais ante o avanço da hegemonia comunicacional bolivariana. O contexto dos protestos foi a crise econômica e a comoção ocasionada pelo assassinato de uma atriz de novelas, que foi o estopim do mal-estar pela situação de insegurança vivida no país.

RAFAEL UZCÁTEGUI

Desde 4 de fevereiro passado, uma onda de protestos sacode a Venezuela. Segundo estimações das ONG Provea e Observatorio Venezolano de Conflictividad Social (ovcs), pelo menos 800.000 pessoas se mobilizaram em 16 estados do país entre fevereiro e março, através de estratégias múltiplas que vão de marchas, concentrações, vigílias, correntes humanas, rezas coletivas, «bandeiraços», músicos na rua, assembleias e intervenções de arte de rua, até a modalidade de bloqueio de ruas denominada «guarimba», potencialmente violenta e insurrecional¹. O secretário-geral da Anistia Internacional (AI),

Rafael Uzcátegui: sociólogo, ativista de direitos humanos e jornalista independente. Coordena a área de pesquisa do Programa Venezuelano de Educação - Ação em Direitos Humanos (Provea). É membro do Conselho da Internacional de Resistentes à Guerra (WRI-IRG) e do conselho de redação do jornal *El Libertario*.

Palavras-chave: estudantes, protestos, redes, Hugo Chávez, Nicolás Maduro, Venezuela.

Nota: Tradução de Celina Lagrutta. A versão original deste artigo em espanhol foi publicada em *Nueva Sociedad* N° 251, 5-6/2014, disponível em <www.nuso.org/upload/articulos/4035_1.pdf>.

1. Comunicação dirigida ao autor, 3/4/2013.

Salil Shetty, afirmou que «as pessoas saíram às ruas para protestar contra os altos níveis de insegurança e criminalidade e a falta de produtos e bens essenciais»². No momento em que era escrito este artigo, a procuradora-geral Luisa Ortega Díaz declarou que fatos relacionados com as manifestações deixaram 39 mortos e 608 feridos. A própria AI estimava em seu relatório que mais de 500 pessoas ficaram feridas e mais de 2.000 foram detidas³. Por sua vez, o governo de Nicolás Maduro denunciava ser vítima de um golpe de Estado que tentaria repetir os acontecimentos de abril de 2002 – quando, por algumas horas, foi derogada a Constituição, e um empresário de nome Pedro Carmona Estanga se autoproclamou presidente – e qualificava as manifestações como «diretistas-fascistas» e «manipuladas pelos partidos políticos opositores».

A atual situação venezuelana resiste às análises simplistas e maniqueístas. A profundidade da crise econômica acumulada – o país fechou 2013 com uma inflação de 56,2%, segundo dados oficiais do Banco Central da Venezuela – tem catalisado a própria crise política que é, em grande medida, consequência da desaparecimento física de Hugo Chávez, falecido em março de 2013, em torno de cuja figura orbitaram tanto seu projeto como os esforços de seus detratores. A passagem de uma governabilidade com o «Comandante-presidente» vivo para uma governabilidade com «O Supremo» mitificado porém ausente marca a transição do chavismo para o pós-chavismo. A historiadora Margarita López Maya resume: «Quando morre um líder carismático dessa magnitude, o que resta atrás é um quadro administrativo medíocre e desorientado. Temos uma elite que estava ali não por suas habilidades políticas ou gerenciais, mas porque eram leais ao caudilho. E quando ele morre procuram afanosamente a forma de manter esse controle sobre o poder e de legitimar um novo governo»⁴.

O ator mais relevante no recente ciclo de manifestações é o movimento estudantil crítico do governo do presidente Maduro. Diferentes medições realizadas durante o mês de março colocam-no como o setor com maior popularidade do conjunto de sindicatos locais. O Instituto Venezuelano de Análise de Dados (IVAD) – cujos estudos anteriores foram citados e legitimados pelo

2. AI: «Salil Shetty, informe sobre Venezuela», vídeo, 31/3/2014, disponível em <<http://youtu.be/cvcgGlnM5y0>>.

3. AI: «Venezuela: Los derechos humanos en riesgo en medio de protestas», Amnesty International Publications, Londres, 2014, disponível em <<http://bit.ly/1fzuzW2>>.

4. M. López Maya: «El legado de Hugo Chávez», intervenção na Livraria Lugar Común, Caracas, 9/3/2014, disponível em <http://youtu.be/YBSyUVV_EA0>.

governo bolivariano – estimou que a melhor frase para descrever a intenção dos protestos era «protesto pacífico liderado por estudantes reclamando pela insegurança e pela crise econômica vivida pelo país», com 50,4% das respostas, muito mais do que «parte de um plano orquestrado entre a oposição e forças estrangeiras para dar um golpe de Estado no presidente» (12,8%) e «protestos que buscam apenas tirar Nicolás Maduro da Presidência sem atender a outra demanda da sociedade» (7,3%). Na mesma pesquisa, o «movimento estudantil» foi a instituição com o desempenho mais bem avaliado. Somando as porcentagens das respostas, «Muito boa» e «Boa» aparecem com 51,5%, acima de Meios de Comunicação (35,9%) e Força Armada Nacional Bolivariana (31,5%)⁵.

Neste texto perfilaremos estatisticamente a juventude venezuelana e contribuiremos com alguns elementos que descrevem o movimento estudantil prévio e posterior a 1999, data da chegada do bolivarianismo ao poder. Finalmente, caracterizaremos o conflito protagonizado pelos estudantes críticos do governo de Maduro segundo a teoria de redes, mediante um diálogo com Iria Puyosa, professora do Mestrado em Comunicação Política da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), no Equador, e da Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais da Universidade Central da Venezuela (ucv), cuja linha de pesquisa atual abrange os temas comunicação política e sociedade em rede.

■ A juventude venezuelana: alguns dados

Segundo os resultados do XIV Censo Nacional de População e Moradia realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2011 a população do país era constituída por 28.946.101 pessoas, com um componente eminentemente jovem, com maior quantidade de população entre os 10 e os 24 anos e uma média de idade, para o total da população, de 27 anos⁶. Já a Segunda Pesquisa Nacional de Juventudes, realizada pelo Ministério do Poder Popular para a Juventude em 2013, estabeleceu que existiam 4.094.199 jovens entre os 15 e os 25 anos, dos quais 79% encontravam-se estudando. Desse universo, 67% cursavam seus estudos em instituições públicas. Na pesquisa, 77% dos consultados asseveraram sua intenção de permanecer na Venezuela após obterem um título universitário e 15% responderam que deixaram de estudar por falta de

5. IVAD: «Estudio Nacional del 21 al 30 de marzo 2014», disponível em <www.mediafire.com/?d688v2s22p7si2t>.

6. INE: «Resultados básicos Censo 2001», Caracas, 8/8/2012, disponível em <www.slideshare.net/plumacandente/resultados-basicos-censo-2011>.

recursos econômicos, enquanto 14% o fizeram por motivo de gravidez. Com respeito à ocupação que exerciam, 30% se encontravam trabalhando e outros 30% estudavam sem trabalhar, enquanto 9% estudavam e trabalhavam de forma simultânea. Além disso, 64% expressaram seu desejo de ter um trabalho diferente do que desempenhavam nesse momento. A idade média de nascimento do primeiro filho situou-se em 19,9 anos. Diante da pergunta sobre os principais problemas do país, 23% responderam «insegurança»; 20%, «inflação, custo de vida»; e 16%, «desabastecimento e escassez de produtos». A instituição mais bem avaliada na pesquisa foi a universidade (18%), enquanto os partidos políticos foram selecionados por 6% dos entrevistados⁷.

Esses resultados podem ser contrastados com o diagnóstico realizado pelo Projeto Juventude da Universidade Católica Andrés Bello (UCAB). Sobre a escolaridade, 65% frequentavam estabelecimentos públicos, enquanto 35%, privados. Na faixa dos 20 aos 24 anos, 30,4% dos rapazes abandonaram os estudos devido à necessidade de trabalhar, ao passo que a evasão entre as mulheres foi de 16,5%. Além disso, 35% trabalhavam, 31% só estudavam, 11% trabalhavam e estudavam e 23% não estudavam nem trabalhavam. No que diz respeito à situação do país comparada à de dois ou três anos atrás, 51% a percebiam «pior do que antes» e 27%, «igual». Coincidindo com a pesquisa anterior acerca dos principais problemas do país, 59% responderam «escassez de alimentos»; 53%, «insegurança»; 44%, «pobreza»; e 42%, «inflação». Sobre os principais problemas que os afetam no campo pessoal, 46% referiram «insegurança pública»; 36%, «problemas econômicos»; e 33%, «falta de oportunidades de trabalho». Sobre suas opiniões políticas, 69% preferiam a democracia a qualquer outro sistema de governo. No entanto, 40% afirmavam não estar muito satisfeitos com o funcionamento da democracia e 25%, nada satisfeitos. Sobre seu posicionamento político, 33% declararam-se partidários do chavismo; 27%, em posições opositoras; e 27%, em nenhuma das anteriores⁸.

**Coincidindo com a
pesquisa anterior acerca
dos principais problemas
do país, 59% responderam
«escassez de alimentos»;
53%, «insegurança»;
44%, «pobreza»;
e 42%, «inflação» ■**

7. Ministério do Poder Popular para a Juventude: «II Encuesta Nacional de Juventudes», s./d., <www.inj.gov.ve/images/pdfs/ResultadosEnjuve2013.pdf>.

8. UCAB: «Encuesta Nacional de Juventudes 2013. Presentación de resultados», s./d., <<http://proyectojuventud.ucab.edu.ve/wp-content/uploads/2013/12/Presentacion-enjuve-3-12-2013.pdf>>.

■ Antecedentes do movimento estudantil

Um estranho mito, sem nenhuma correspondência com a realidade, afirma que o governo de Chávez inicia a educação gratuita na Venezuela⁹. A Constituição aprovada em 1960, dois anos após o início do período democrático no país, estabeleceu que todos os venezuelanos tinham o direito de receber educação, conferindo ao Estado a responsabilidade de abrir escolas e serviços educacionais para garantir o acesso gratuito à educação. A renda do petróleo serviu para aumentar a população incluída na escolarização pública no país, inclusive a universitária. Em 1950, o número de alunos matriculados no ensino superior era de aproximadamente 6.900; em 1958, era de 11.000, e foi aumentando progressivamente até chegar em 1981 a 331.000 estudantes. Nove anos depois, em 1990, eram 513.000 universitários e, em 2001, já com Chávez no poder, foram contabilizados 909.006 estudantes¹⁰. Em 2010, dez anos mais tarde, a cifra é de 1.687.504 universitários¹¹.

Em 1969, sob democracia e em plena etapa de crescimento do número de estudantes no ensino superior, ocorre o Movimento de Renovação Universitária¹², influenciado pelo Maio Francês de 1968. As universidades sofrem intervenção, em especial a ucV, que permaneceu fechada por mais de um ano. Como consequência, em 1970, o Congresso Nacional reformou a Lei de Universidades com o propósito de ter maior controle político sobre as casas de estudo. A reforma introduz o conceito de universidade experimental, como alternativa à tradicional autônoma, e autoriza o Poder Executivo Nacional a criar institutos e colégios universitários mais controlados pelo governo¹³.

Diversas organizações de esquerda tiveram, historicamente, as universidades como espaço privilegiado para a captação e formação de quadros, in-

9. Um exemplo são as declarações do documentarista norte-americano Michael Moore: «Hugo Chávez usou os dólares obtidos para (...) oferecer um sistema de saúde e educação grátis para todos». V. «Documentalista estadunidense Michael Moore elogiou a Chávez» em *Correo del Orinoco*, 15/4/2014, <www.correodelorinoco.gob.ve/politica/documentalista-estadunidense-michael-moore-elogio-a-chavez/>.

10. Fernando Reimers: «Educación y democracia. El caso de Venezuela, en la educación» em *Revista Latinoamericana de Desarrollo Educativo* N° 166, 1993.

11. Ministério do Poder Popular para a Educação Superior (MPPEU): «Serie histórica de matrícula de pregrado (1960-2011) por institución», 2012, <<http://estadisticasieu.mppeu.gob.ve/dss/pages/datamart/ies/reports/templateDinamicStatic.jsp?query=iesOnlyTable>>.

12. Sobre o Movimento de Renovação Universitária na Venezuela, v. Nelson Méndez: «La Renovación en la Universidad Central de Venezuela (1968-1969): Érase una vez el futuro», 1995, em <www.analitica.com/bitblo/nelson_mendez/renovacion.asp>.

13. Victor Morles, Eduardo Medina Rubio e Neptalí Álvarez Bedoya: *La educación superior en Venezuela. Informe 2002 a IESALC-Unesco*, Caracas, 2003, disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131594s.pdf>>.

cluindo o momento mais beligerante da luta armada insurrecional, que no caso venezuelano ocorreu entre os anos 1960 e 1972. De todas elas, a que mais incidência teve no estímulo das lutas estudantis foi Bandera Roja (Bandeira Vermelha), uma organização nascida em 1970 após a cisão do Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR) e que rapidamente incursionou nos últimos dias da luta armada no país. Em 1987, criou-se a União de Jovens Revolucionários (UJR), que consolidou sua presença nas universidades. No final de 1988, os estudantes protagonizaram protestos em diferentes partes do país, em reação ao chamado Massacre de Amparo, em referência ao assassinato por um comando policial-militar na fronteira de 14 pescadores que seriam falsamente apresentados para a opinião pública como membros de uma coluna guerrilheira. Esse conflito constituiu o prelúdio do que meses depois foi o levantamento popular conhecido como «Caracazo».

A década de 1990 foi um período de impulso das políticas neoliberais na região, que ameaçaram introduzir uma privatização progressiva da educação superior pública. O segundo governo de Carlos Andrés Pérez, iniciado em 1989, executou um «Plano de Ajuste Estrutural da Economia» após a firma de uma carta de intenção com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O presidente seguinte, Rafael Caldera, ganhou as eleições depois de apresentar um projeto que discursivamente dizia ser contrário aos compromissos subscritos com organismos multilaterais¹⁴. Entretanto, em 15 de abril de 1996, Caldera apresentou a «Agenda Venezuela», um programa de ajuste macroeconômico. Em matéria de educação, contemplava a aplicação de mecanismos de cobrança para compensar os cortes orçamentários e resolver parcialmente o desfinanciamento, contrariando o princípio constitucional de gratuidade da educação¹⁵. Por essa razão, o movimento estudantil protagonizou, junto a outros setores sociais, como ambientalistas, organizações indígenas, grupos de mulheres, organizações de bairros e ONG de direitos humanos, a mobilização contra aquilo que se denominou «o pacote econômico».

O movimento estudantil protagonizou, junto a outros setores sociais, a mobilização contra aquilo que se denominou «o pacote econômico» ■

14. Pérez foi presidente nos períodos 1974-1979 e 1989-1993; Caldera governou nos períodos 1969-1974 e 1994-1999 [N. do E.].

15. *En defensa de la universidad gratuita. La lucha de los estudiantes de la Universidad Simón Bolívar en 1998 para restituir la gratuidad*, Provea, Caracas, 2008, disponível em <www.derechos.org/pw/wp-content/uploads/Experiencias-usb.pdf>.

Nesse contexto, em 1993, funda-se a Federação de Estudantes Universitários da Venezuela (FEUV), uma plataforma organizativa de diferentes setores, com ampla hegemonia do Bandera Roja. Outras iniciativas orgânicas, como a Coordenadora de Federações de Centros Universitários, promovida pelo chamado «Movimento 80» (M-80) e pela Democracia Cristã Universitária (DCU), ligada ao partido social-cristão Copei (Comitê de Organização Política Eleitoral Independente), tentavam se opor à influência da FEUV. As principais lutas estudantis durante a década de 1990 foram a defesa do passe preferencial estudantil, da democratização e da transparência dos mecanismos de ingresso às universidades, a rejeição do Projeto de Lei de Educação Superior (PLES) – que contemplava cobrança de matrícula – e a exigência de mecanismos de seguridade social para os estudantes (seguros de hospitalização, cirurgia e maternidade – FAMES –, bolsas, refeitórios, etc.). Entre 1985 e 1999, as principais estratégias de protesto, que contavam com o setor estudantil como protagonista, foram, em ordem de importância, os distúrbios¹⁶, as marchas e os bloqueios de vias¹⁷, com diferentes saldos de mortos, feridos e presos. Os distúrbios eram protagonizados pelos estudantes nas imediações das universidades autônomas – onde as forças policiais e militares não podiam entrar –, numa lógica que se repetiria anos depois nas manifestações estudantis de 2014.

■ Governo bolivariano e movimento estudantil

O triunfo presidencial de um candidato alheio às organizações políticas tradicionais como Chávez gerou muitas expectativas em 1998. Durante sua arrasadora campanha eleitoral, identificou-se com as lutas estudantis e conseguiu reverter os temores que a sua origem militar gerava. Prometeu ampliar a educação pública e aumentar os índices de inserção. Alguns dos líderes universitários que foram incorporados no governo chavista foram Luis Figueroa, Elías Jaua, Ricardo Menéndez, Jorge Rodríguez, Víctor Novo, Leonardo Molina, Juan Luis Sosa, Vanessa Davies e Jackeline Farías, tanto do Bandera Roja como da própria FEUV e do M-80.

16. Trata-se de uma situação de desordem aguda pela ruptura da normalização de uma mobilização devido ao enfrentamento entre os próprios manifestantes, com outras pessoas ou com a polícia. O distúrbio é reconhecido como um estado de comoção e angústia devido ao enfrentamento com as forças policiais e a repressão destas sobre os manifestantes. Variam em suas proporções desde grandes revoltas e/ou explosões até desordens menores rapidamente controladas. É uma forma de protesto violento. M. López Maya: Base de dados «Bravo Pueblo» sobre os protestos na Venezuela entre 1985 e 1999.

17. M. López Maya: *Protesta y cultura en Venezuela: los marcos de acción colectiva en 1999*, Clacso, Buenos Aires, 2002, disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/becas/20110126085903/2cap1.pdf>>.

De maneira similar à estratégia desenvolvida para o conjunto dos movimentos sociais, o bolivarianismo no poder institucionalizou, estatizou e neutralizou a trama das organizações estudantis e universitárias que o haviam levado ao poder, substituindo-as por outras criadas pelo Poder Executivo, sem grande autonomia e independência. Em 2001, estudantes bolivarianos protagonizaram a tomada da Reitoria da ucv, de onde surgiu o Movimento 28 de Março, que posteriormente se dissolveria na Federação Bolivariana de Estudantes (FBE), criada pelo presidente Chávez depois do golpe de Estado de abril de 2001, e que por sua vez seria substituída pela figura dos Conselhos Estudantis. Uma segunda característica do universo estudantil bolivariano é que, como afirma o ex-dirigente Luken Quintana, este «foi sistematicamente derrotado na quase totalidade de instituições nas quais se levam a cabo eleições de representantes estudantis, tanto nas privadas quanto nas públicas experimentais e, especialmente, nas autônomas como a ucv»¹⁸. Desde 1999, os estudantes bolivarianos só ganharam três eleições na Federação de Centros Universitários (FCU): Universidad de Los Andes, em Mérida (2004), ucv (2003) e Universidad de Oriente (2007).

Chávez gerou muitas expectativas em 1998. Durante sua arrasadora campanha eleitoral, identificou-se com as lutas estudantis e conseguiu reverter os temores que a sua origem militar gerava ■

Diante da impossibilidade de controlar politicamente as universidades públicas, o chavismo criou novos centros de educação superior: a Universidade Bolivariana da Venezuela (UBV), em 2003, a Universidade Nacional Experimental das Artes - Unearte, em 2008, e, em 1999, a Universidade Nacional Experimental Politécnica da Força Armada Nacional (UNEFA) foi redimensionada para permitir o ingresso de civis. Embora essas instituições tenham contribuído para aumentar o número de estudantes no ensino superior, não existiram, como contraparte, organismos de cogoverno estudantil eleitos pelos votos dos alunos e foram estabelecidos regimes disciplinares autoritários¹⁹. Além disso,

18. Comunicação enviada ao autor em 6/4/2014.

19. Um exemplo é o Regimento Disciplinar dos Estudantes da Unearte, que prevê a expulsão por «ofender a moral e os bons costumes dentro e fora da Unearte», «manifestar publicamente opiniões que possam causar prejuízos aos interesses do país», «comprometer a disciplina ou criar dificuldades às autoridades», «fazer declarações falsas, não fundamentadas, nem autorizadas pelos Conselhos Acadêmico e Diretivo sobre a Unearte, para os meios de comunicação social públicos ou privados (imprensa, rádio e tv), nacionais, regionais ou estrangeiros; assim como as emitidas pela Internet, cabo ou mensagens de celular», «desrespeitar, ofender ou provocar as autoridades da Unearte», «assinar demandas coletivas, arrogando-se a representação de seus colegas ante qualquer autoridade da Unearte» e «publicar documentos oficiais sem autorização dos Conselhos Acadêmico e Diretivo».

estimulou-se a militarização dos alunos mediante a organização das chamadas «milícias estudantis»²⁰.

■ De 2007 a 2014: da política polarizada às redes

A importante desarticulação e neutralização da autonomia dos movimentos sociais venezuelanos, tanto pelas políticas do bolivarianismo no poder como pela polarização política, incluiu o movimento de estudantes. A FEUV literalmente

A importante desarticulação e neutralização da autonomia dos movimentos sociais venezuelanos, tanto pelas políticas do bolivarianismo no poder como pela polarização política, incluiu o movimento de estudantes ■

desapareceu a partir do ano 2000. Embora a eleição de centros acadêmicos de estudantes e da Federação de Centros tenha sido mantida, essas figuras perderam boa parte de sua capacidade de convocação prévia a 2000²¹.

O ressurgimento do movimento estudantil como ator público ocorreu em 2007, a partir da não renovação da licença de frequência para o canal de televisão mais antigo e popular do país, Rádio Caracas Televisão (RCTV),

por motivos políticos²². Aqueles que rejeitaram a medida se aglutinaram sob o nome genérico de «estudantes pela liberdade», que incluía não apenas os alunos das universidades públicas mas também – e isso era uma novidade – os das instituições privadas. Os «estudantes pela liberdade» emergiram como uma «oposição leal» enquadrando seus discursos e demandas pela liberdade de expressão e pelo direito à participação dentro da Constituição venezuelana, aceitando de forma tácita a legalidade e legitimidade do governo de Chávez sem pretender desmantelar o aparato governamental²³. As mobi-

20. Héctor Rodríguez: «Milicias estudiantiles» em *ccsinfo*, s./d., <www.ciudadccs.info/?p=58920>.

21. Um exemplo disto é a média de abstenção eleitoral nas eleições estudantis da ucv, que não fica abaixo dos 60%. Dados disponíveis em <www.ucv.ve/organizacion/consejo-universitario/comision-electoral-ucv/elecciones/resultados-electorales/estudiantes.html>.

22. O governo argumentou que a não renovação era uma consequência de seu apoio ao golpe de Estado de abril de 2002. No entanto, outros canais que assumiram a mesma linha editorial no momento negociaram posteriormente com o Executivo e puderam seguir operando com normalidade.

23. Enquanto a maior parte da oposição em 2007 mantinha o objetivo de «tirar o presidente do poder por mecanismos constitucionais», os «estudantes pela liberdade» não colocaram nunca a questão de sua saída ou renúncia. María Pilar García Guadilla e Ana Mallén: «El movimiento estudiantil venezolano: narrativas, polarización social y públicos antagónicos» em *Cuadernos del Cendes* N° 73, 1-4/2010, disponível em <www.scielo.org.ve/pdf/cdc/v27n73/art04.pdf>.

lizações estudantis tiveram uma superexposição na mídia e a reação governamental foi, então, levar o conflito das ruas a debates institucionalizados entre estudantes opositores e bolivarianos²⁴. Esgotada a questão da RCTV, o movimento estudantil voltou a se ativar contra a proposta presidencial de referendo constitucional, que foi lançada nas eleições de 2 de dezembro de 2007. Suas lideranças visíveis saíram da universidade para se elegerem em cargos parlamentares entre 2008 e 2010, promovidos por partidos como Um Novo Tempo (UNT) e Podemos – que, ao incorporá-los, conseguiram uma oxigenação de seus quadros internos – sem alcançar a renovação de porta-vozes no movimento que lhes permitisse uma continuidade orgânica²⁵. Um segundo elemento foi que, apesar de sua identificação como «classe estudantil», os movimentos careciam de reivindicações inerentes ao setor que constituíssem uma agenda de mobilização capaz de lhes conferir uma identidade própria e diferenciada em relação a outros atores. Para as pesquisadoras María Pilar García Guadilla e Ana Mallén, eles conseguiram ampliar os limites do discurso público de oposição ao propor a reconciliação nacional e um entendimento diferente da dinâmica do conflito; contudo, não souberam romper a diâmica polarizada nem criar públicos alternos²⁶.

Até 2013, pensando a partir da teoria de redes, o movimento bolivariano funcionou como uma rede centralizada com Chávez como nodo principal, motivo pelo qual a oposição política estruturou-se da mesma maneira. Como hipótese, sustentamos que a arquitetura do conflito contra o projeto bolivariano assume a forma de redes descentralizadas por três situações: a) a morte de Chávez; b) a crise de representatividade instalada na oposição, que possibilita a emergência de oposições, no plural; e c) a aquisição dos principais meios de comunicação do país por empresários ligados ao governo bolivariano, o que introduziu um importante bloqueio informativo e obrigou os dissidentes a um uso intensivo das redes sociais.

Em 4 de fevereiro de 2014, estudantes da Universidade Nacional de Táchira, na cidade fronteiriça de San Cristóbal, protestaram contra a insegurança e o suposto abuso sexual sofrido por uma estudante. A prisão de seis alunos gerou novas manifestações e somou nomes à lista de universitários feridos e privados da liberdade. No dia 12 do mesmo mês, ocorreu algo inédito no

24. Iria Puyosa, professora universitária e especialista em redes sociais. Comunicação pessoal ao autor, 5/4/2014.

25. Foram os casos de Miguel Pizarro, Freddy Guevara, Stalin González e Ricardo Sánchez, à exceção de Yon Goicoechea.

26. M.P. García Guadilla e A. Mallén: op. cit.

país: 16 estados se mobilizaram de maneira simultânea, com o qual Caracas deixou de ser a referência do protesto nacional. Porém, já de noite, três pessoas haviam sido assassinadas na capital no contexto das manifestações. O presidente Maduro responsabilizou uma «corrente nazifascista» pelas mobilizações²⁷, culpou os próprios manifestantes pelos mortos²⁸ e anunciou que impediria «novas ações opositoras». Por sua vez, a coalizão de partidos da oposição Mesa de Unidade Democrática (MUD) declarou três dias de luto «sem atividades públicas». No entanto, no dia seguinte – 13 de fevereiro – as manifestações continuavam no país todo, ignorando o chamado à desmobilização tanto por parte da maioria dos partidos opositores (exceto o setor re-

**A Venezuela fechou
2013 com alta inflação,
56% segundo números
oficiais, e um acúmulo
de déficit de serviços
básicos e desabastecimento
de alimentos ■**

presentado por Leopoldo López, María Corina Machado e Antonio Ledezma) como pelo presidente Maduro.

Manuel Castells sugere que uma característica dos movimentos sociais atuais é a espontaneidade em sua origem, já que eles são desencadeados por um estopim de indignação relacionado a um acontecimento concreto²⁹. A Venezuela

fechou 2013 com alta inflação, 56% segundo números oficiais, e um acúmulo de déficit de serviços básicos e desabastecimento de alimentos e outros produtos de consumo de massas, problemática especialmente aguda nas cidades do interior: San Cristóbal era a segunda cidade mais cara do país. Não obstante, o mal-estar sofreu uma disparada em 12 de janeiro de 2014, com o assassinato da atriz Mónica Spear e de seu esposo, num assalto, quando faziam turismo pelo país.

Sobre a caracterização do conflito atual como altamente descentralizado e em redes, conversamos, para este artigo, com a pesquisadora venezuelana Iria Puyosa, que afirma, entre outras coisas, que «a mobilização dos estudantes desde o início de fevereiro começa emocionalmente, a partir do rechaço às condições de insegurança, violência criminosa e violência política nos campi universitários». Diante da pergunta, que circula pelas redes sociais e

27. Agência Venezuelana de Notícias (AVN): «Maduro alerta que corriente fascista intenta generar violencia en Venezuela» em AVN, 12/2/2014, <www.avn.info.ve/contenido/maduro-alerta-que-corriente-fascista-intenta-generar-violencia-venezuela>.

28. Dias depois, o governo teve que reconhecer, pelas fotografias e vídeos difundidos dos fatos, que dois assassinatos haviam sido responsabilidades do Serviço Bolivariano de Inteligência (Sebin), e o terceiro, de um membro de uma organização paramilitar.

29. M. Castells: *Redes de indignación y esperanza*, Alianza, Madri, 2012.

pelos debates públicos, sobre a possível manipulação das mobilizações pelos partidos da direita, Puyosa responde:

Vale esclarecer que a direita é minoritária, basicamente restringe-se a pequenos partidos como *Proyecto Venezuela* e a grupos que não chegam a ser minipartidos como o que se aglutina em torno de María Corina Machado. Grupos com discurso de direita radicados em Miami carecem de vínculos orgânicos com as organizações políticas nacionais e têm pouca incidência real. A «direita» existe midiaticamente, não existe nas mobilizações de rua nem na política eleitoral. A maior parte dos partidos da Mesa da Unidade são – formalmente – de centro ou centro-esquerda.

Quem lidera, então, os protestos? Puyosa argumenta que embora num momento inicial tenha se tentado centralizar o movimento em políticos como Leopoldo López e em dirigentes estudantis como Juan Requesens (ucv) como cabeças dos protestos, não existe uma liderança formal e orgânica das manifestações.

No que se refere aos protestos diretamente convocados pelo movimento estudantil, a liderança está nas mãos dos dirigentes eleitos nos organismos de representação estudantil e de cogoverno das principais universidades autônomas³⁰ e de algumas universidades particulares de prestígio. Além disso, existem protestos de bairros e outros protestos populares que não são liderados pelo movimento estudantil, tanto em Caracas como no resto do país. De modo geral, passados os primeiros dez dias do ciclo de protestos, estes se desvincularam cada vez mais dos partidos da Unidade. Os protestos não são partidários, embora sejam de oposição. E esse caráter antipartido do ciclo de protestos também é observado nos discursos dos dirigentes estudantis, apesar de todos eles serem militantes de partidos.

Formulamos como hipótese que a entrega do líder opositor Leopoldo López – indiciado por «incêndio e danos a edifício público», «instigação ao delito» e «associação para o delito» – na tarde do dia 18 de fevereiro 2014, foi uma *performance* que tentava colocá-lo como eixo da dinâmica de protestos no país. Embora um setor do movimento estudantil tenha exigido nas ruas sua libertação, a própria multiplicidade e a descentralização das reivindicações em movimento o colocam como um nodo a mais da rede. Uma evidência foi o chamado de 18 de março, a um mês de sua prisão, a se concentrarem nas proximidades do local onde se encontrava detido – o presídio de Ramo Verde – que, apesar da presença significativa de manifestantes, foi menor em número do que outras convocações realizadas naqueles dias em Caracas.

30. Embora existam tendências dentro do movimento estudantil, como a Junta Patriótica Estudantil, o manifesto dos representantes estudantis eleitos pode ser consultado em «Manifesto do Movimento Estudantil Venezuelano», 9/3/2014, <<http://cdn.diariorepublica.com/cms/wp-content/uploads/2014/03/manifiesto-del-movimiento-estu.pdf>>.

Para Puyosa, outro elemento do contexto que modela o atual período de conflito foi o aumento dos obstáculos à livre expressão e informação, após a compra do canal de notícias Globovisión e da principal rede de jornais do país por empresários ligados ao governo. Assim, a informação sobre as manifestações – convocações, resultados de mobilização, repressão – é conhecida principalmente pela web social, pelas mensagens de telefonia celular ou pelas conversas cara a cara nos espaços urbanos ocupados por manifestantes. Há muito pouca informação confiável nos meios de comunicação de massa.

De acordo com a acadêmica, as demandas concretas das manifestações estudantis têm baixa negociabilidade e se centram no fim da repressão, no dismantelamento de grupos armados governistas, nos processos contra militares e policiais por violações de direitos humanos e na abertura de negociações para a renovação dos poderes públicos: Conselho Nacional Eleitoral, Controladoria Geral da República. O tema da convocação da Assembleia Constituinte desapareceu da agenda de demandas estudantis, bem como o da renúncia de Maduro, embora esta questão esteja presente nos protestos dos bairros. Entretanto, à hora de escrever este artigo, os protestos e a reação governamental continuavam mantendo um clima de elevada crispação política. ☐

REVISTA BRASILEIRA
DE CIÊNCIAS
SOCIAIS
RBCS

Junio de 2014

San Pablo

Vol. 29 Nº 85

CONFERÊNCIA: Ficções policiais e a busca pela soberania: distantes aventuras do policiamento no mundo pós-colonial, **Jean Comaroff e John Comaroff**. ENTREVISTA: O centenário de nascimento de Egon Schaden: entrevista com Antonio Candido, **Pedro Martins**. ARTIGOS: A fabricação de mártires-encantados e suas apropriações por coletivos rurais e indígenas, **Edimilson Rodrigues de Souza e Celeste Ciccarone**. Paulo Freire, o testemunho e a pedagogia católica: a ação histórica contra o fatalismo, **Eduardo Dullo**. Redes sociais, redes de sociabilidade, **Francisco Coelho dos Santos e Cristina Petersen Cipryano**. Os impactos da geração de empregos sobre as desigualdades de renda: uma análise da década de 2000, **Flavio Alex de O. Carvalhaes, Rogério J. Barbosa, Pedro Herculano G. F. de Souza e Carlos A. Costa Ribeiro**. Geração Bolsa Família: escolarização, trabalho infantil e consumo na casa sertaneja (Catingueira/PB), **Flávia Pires e George Ardilles da Silva Jardim**. Disciplina, controle social e punição: o entrecruzamento das redes de poder no espaço prisional, **Camila Nunes Dias**. Visões civis sobre o submarino nuclear brasileiro, **João Roberto Martins Filho**. Os agenciamentos da memória política na América Latina, **Javier Alejandro Lifschitz**. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos, **Ligia Helena Hahn Lúchmann**. A lei da oligarquia de Michels: modos de usar, **Pedro Floriano Ribeiro**. RESENHAS.

Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS) es una publicación cuatrimestral de la Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), Av. Prof. Luciano Gualberto, 315, Cidade Universitária, CEP 05508-010, São Paulo, SP. Tel.: (11) 3091.4664. Fax: (011) 3091.5043. Correo electrónico: <rbcsc@anpocs.org.br>. Página web: <www.anpocs.org.br>.